

A VARIÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: UM TRATADO DA EMPATIA

Juliana de Souza Silva (UEMS)

juhulynhas@gmail.com

Fábio Junior Paes Moraes (UEMS)

fabiocif31@gmail.com

Adriana Lúcia de Barros Escobar (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

Natalina Sierra Assêncio Costa (UEMS)

natysierra2011@hotmail.com

RESUMO

Os estudantes veem a escola como uma obrigação imposta pela família e por políticas vigentes, algo muito distante de sua realidade, de modo a desenvolverem apatia, mais especificamente para a disciplina de Língua Portuguesa, aqui como objeto de estudo, de modo a crerem que não são capazes de aprendê-la/compreendê-la levando assim à defasagem. Dos inúmeros desafios que o professor de Língua Portuguesa tem há a necessidade de direcionar os estudantes, para que mudem sua visão referente ao ambiente escolar e à língua portuguesa. O objetivo deste artigo é apresentar uma sequência didática, aplicada em uma turma de oitavo ano do ensino fundamental na Escola Estadual Carlos Irigaray Filho em Alto Taquari-MT, em que se aliam empatia e variação linguística, de modo a possibilitar a aproximação e aprendizagem da língua portuguesa. É relevante destacar que o conteúdo trabalhado neste artigo é importante para este nível de escolaridade do ensino fundamental, uma vez que busca alternativas nas inteligências emocionais fazendo com que os estudantes tenham mais percepção de que são capazes de aprender inclusive as variantes da Gramática Normativa. No contexto teórico, em se tratando de variação linguística e empatia como uma inteligência emocional, podemos aqui sinalizar alguns dos autores pesquisados como Bortoni-Ricardo (2004); Cortella (2009); Goleman (2011); Minayo (1994) entre outras leituras em banco de dados do Scielo e Google Acadêmico. Esta é uma pesquisa de característica bibliográfica exploratória, está fundamentada em sequência didática, na qual permitirá aos professores da área da linguagem, proximidade com seus alunos, explorando suas potencialidades e desenvolver técnicas mais adequadas para se ter sucesso na aprendizagem, querer estar na escola e ter empatia pela disciplina de Língua Portuguesa.

Palavras-chave:

Aprendizagem. Empatia. Escola. Variação linguística.

1. Introdução

Estudar é um direito garantido da criança e do adolescente, porém quando se trata da visão do estudante nem sempre a educação; a escola; o

ato de ensino, são vistos como direito, mas sim como algo obrigatório, muito distante de sua realidade, fato este que leva os estudantes a desenvolverem aversão ao ambiente escolar e a tudo que lhe é relacionado.

Vários são os fatores que levam o estudante a ver a escola como algo imposto. O fato de ao frequentarem a escola não desenvolverem as capacidades esperadas faz com que a aversão à escola aumente chegando a casos de evasão escolar.

Quando se fala da disciplina de Língua Portuguesa essa dificuldade pode ser relacionada a vários fatores, pois quando se questiona sobre o gosto por esta há uma relação de amor e ódio; enquanto uns amam, outros detestam, e, como é uma disciplina que, na escola em que as atividades neste artigo foram aplicadas, tem carga horária de cinco aulas semanais, há casos em que os estudantes ficam apáticos.

Somado aos fatores citados, há também a questão distanciamento da língua, pois quando se depara com a linguagem utilizada na escola, o estudante a vê como algo fora de sua realidade, acreditando, por vezes que é incapaz de aprendê-la, já que não a entende.

Neste ponto, nota-se a necessidade de buscar um elo entre o conhecimento de mundo do estudante com o conhecimento transmitido no ambiente escolar, cabendo, enquanto disciplina de Língua Portuguesa traçar metas para aproximação e compreensão das variantes linguísticas.

Aqui, destacaremos a importância da variação linguística não como um problema, mas como um meio conciliatório de modo a aproximar o estudante do ambiente escolar, já que, na turma, em questão o estudo da variação linguística atraiu os estudantes, algo que não surtiu o mesmo efeito em outros conteúdos, de modo que, a partir da empatia dos alunos pelo estudo das variantes linguísticas possa-se apresentar aos estudantes que pode compreender a Gramática Normativa tanto quanto aprenderam palavras de outra variante em casa.

Desta forma, objetivamos neste artigo apresentar uma sequência didática na qual se aliaram empatia e variação linguística de modo a possibilitar aos estudantes não somente o entendimento das variantes da língua portuguesa, mas também a aproximação e aprendizagem desta. Acredita-se que utilizar o estudo da Gramática Normativa e suas variantes e conjunto às Inteligências emocionais pode gerar empatia de modo a tornar possível a aproximação do estudante no processo de ensino.

2. *Linguagem e riqueza cultural*

O Brasil é um país rico culturalmente. Essa riqueza transparece também na linguagem do país, de modo que ainda que a língua oficial seja a Língua Portuguesa, com normas e regras que a regem, existe uma imensidade de variantes, no entanto, isso não somente traz uma diversidade cultural, mas também acarreta preconceito com aqueles que não são falantes da norma culta e obviamente isso é transmitido ao ambiente escolar já que cada estudante traz consigo todo um conhecimento adquirido de seu ambiente social e familiar. A esse sentido destaca-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. (PCNs, 1997. p. 26)

Socialmente quase não se nota o preconceito linguístico como algo severo, mas sim como algo velado, pois para muitos ironizar a forma que o outro fala não é nada demais, mas apenas uma “brincadeira” sem intenção. Tal forma de preconceito está tão imbricada na população geral brasileira que em diversos momentos pessoas cultas e que sabem da existência desse tipo de preconceito o cometem sem perceber a ofensa que está a fazer do próximo, como se fosse algo normal. A este sentido Bagno (1999) declara:

Muito pelo contrário, o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”... (BAGNO, 1999, p. 13)

É necessário que exista ponderação quando se trata do “certo” e “errado”, focando na questão da linguagem adequada para cada momento de modo a apresentar a Gramática Normativa ao falante, não como uma linguagem estanque, truncada, mas sim como uma das variedades, e que em determinados momentos é essa que deve ser utilizada. Quando não há essa noção de se trabalhar a língua e suas diferenças, esbarra-se no preconceito.

O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui. (BAGNO, 1999. p. 13)

Tais preconceitos são vistos na sala de aula, já que esta é reflexo da sociedade. Se o estudante for à escola certo de que não aprenderá a língua oficial porque é difícil ou porque acha que não tem capacidade, gera um bloqueio inicial referente não só à escola, bem como à língua portuguesa.

3. O papel da variação linguística no ensino de língua portuguesa

[...] a transição do domínio do lar para o domínio da escola é também uma transição de uma cultura predominantemente oral para uma cultura permeada pela escrita, que vamos chamar de cultura de letramento [...] (BORTONI-RICARDO, 2004 p. 24)

Antes de aprender a língua escrita, o indivíduo aprende, em casa, a língua falada. Quando chega à escola, a criança se depara não somente com o aprendizado da língua escrita, mas também nota que sua língua falada nem sempre é igual à de seus colegas e professor.

A forma que a criança receberá essas informações depende não somente dos aspectos cognitivos e afetivos, mas também de como a escola e o professor conduzem o trabalho com as variantes linguísticas.

O fato de, na cultura brasileira, considerar-se que o brasileiro não fala direito faz com que o estudante traga essa carga e creia que a língua portuguesa é muito difícil e que apenas alguns “seres iluminados” são capazes de aprendê-la. A esse respeito pode-se notar o seguinte:

Essas crenças sobre a superioridade de uma variedade ou falar sobre os demais é um dos mitos que se arraigaram na cultura brasileira. Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social. Ser nordestino, ser mineiro, ser carioca etc. é um motivo de orgulho para quem o é, e a forma de alimentar esse orgulho é usar o linguajar de sua região e praticar seus hábitos culturais... (BORTONI-RICARDO, 2004. p. 33)

Assim como a autora relata, é necessário perceber que a fala reflete a carga cultural de determinado lugar, dessa forma usa-se o conhecimento de mundo do indivíduo como ponto de partida para apresentar outras variantes, inclusive a da gramática normativa, apresentando-lhe como possibilidade e que cada uma tem seu determinado momento de uso.

Em toda comunidade de fala onde convivem falantes de diversas variedades regionais, como é o caso das grandes metrópoles brasileiras, os falantes que são detentores de maior poder – e por isso gozam de maior

prestígio - transferem esse prestígio para a variedade linguística que falam. Assim, as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superior às demais [...] (BORTONI-RICARDO, 2004. p. 33-4)

Ainda que a autora trate do efeito da variação regional nas grandes metrópoles, tal fato ocorre também em cidades pequenas com índices migratórios elevados, fato este ocorrido na escola pesquisada, de modo a ser a variação geográfica o foco neste trabalho dentro da perspectiva variacionista.

3.1. Empatia: um breve histórico de suas relações com a educação.⁴⁷

Fábio Junior Paes de Moraes⁴⁸

Para a construção de um tratado de empatia e paz, é necessário que se conheça a antagonica e tão famigerada violência, sendo esta geradora de inúmeros conflitos reais, físicos, psicológicos e simbólicos, onde aqui faremos uma breve descrição e fundamentação teórica.

Para Minayo (1994, p. 7): “Não se conhece nenhuma sociedade onde a violência não tenha estado presente.” Desde o momento em que os hominídeos se reconheceram enquanto organismos biologicamente hábeis houve e haverá disputas por territórios, alimentação e espaço de cria e recria.

Em se tratando de conflitos, mais recentemente a Organização Mundial de Saúde (2002) definiu violência como:

[...] o uso intencional de força física ou poder, sob a forma de ameaça ou real, contra si mesmo, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resulta ou tem uma grande chance de resultar em lesão, morte, dano psicológico, alterações no desenvolvimento ou privações. (OMS, 2002, p. 1.165)

Nesse sentido podemos afirmar que critérios quanto ao uso da

⁴⁷ Trabalho de pesquisa em colaboração com a professora Juliana Souza Silva, Mestranda do Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS UEMS.

⁴⁸ Fábio Junior Paes de Moraes, professor da educação básica da SEDUC/MT. Pesquisador em educação. Mestrando em Ciências da Educação pela Atenas College University vinculado a Universidade Brasil. Email: fabiocif31@gmail.com.

violência, para a sociedade atual não aceitável, tendo em vista que padrões legais são estabelecidos todos os dias para minimizar tais ações e sua recorrente prática.

Abramovay (2005, p. 52) assinala que: “a violência é dinâmica e mutável, pois as suas representações, suas dimensões e seus significados se modificam à medida que as sociedades se transformam”. Assim como a violência modifica e se tipifica, as relações de empatia e paz vêm se intensificando, cada vez mais pessoas em seus grupos sociais buscam elos que fortalecem suas interessoalidade.

No que concerne a empatia Rogers (1977) enaltece como: Um alto grau de empatia talvez seja o fator mais relevante numa relação, sendo, sem dúvida a promoção de mudanças e de aprendizagem. (...). Baseado nessa citação, podemos afirmar que o comprometimento do professor com a disciplina aplicada e sua desenvoltura com seus alunos, gera uma onda de empatia maximizado em resultados positivos em sala de aula e culminantemente fora dela.

Brolezzi (2014) descreve que a escola é responsável por criar elos de “Empatia na relação entre os alunos, professores e o conhecimento”, estas relações são fundamentais no processo de ensino e aprendizagem, demonstrando que a empatia vai para além de uma inteligência emocional no campo das interioridades e da psicologia social.

Quando Goleman (2011, p. 133) nos apresenta que: “a empatia é alimentada pelo autoconhecimento; quanto mais consciente estivermos acerca de nossas próprias emoções, mais facilmente poderemos entender o sentimento alheio”. Logo, faz sentido os professores no seu cotidiano construir relações empáticas com seus alunos para um tratado de paz com a disciplina e a escola, o que o colocaria como um sujeito ativo no seu papel de estudante, cidadão e responsável por sua construção intelectual e suas capacidades emocionais.

A educação vem trabalhando nesse campo das inteligências emocionais, e tem como cartão de apresentação a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018), que é o documento mais recente que legaliza as relações entre a aprendizagem e o aluno ao professor. A BNCC (2018), traz uma reflexão sobre as formas de relacionamento entre as atitudes e as posturas ligadas as habilidades e competências sócio-emocionais, com currículo voltado para praticas que humanizam a escola e promovem aos estudantes uma atmosfera de respeito, tolerâncias, empatia e inclusão.

[...] BNCC prevê uma padronização do currículo escolar da Educação Básica (que engloba os Ensinos Infantil, Fundamental e Médio). [...] Os currículos escolares deverão ser elaborados de acordo com alguns objetivos, que representam o que se espera que o aluno aprenda durante sua trajetória na escola. Mas entenda: não se trata somente da absorção das matérias ministradas, e sim das habilidades desenvolvidas, da capacidade de ação e reflexão críticas, necessárias à prática da cidadania. O que se procura é criar um padrão mínimo e otimizar a qualidade do ensino.

O sistema educacional tem uma necessidade pungente de formular textos e apresentá-los aos profissionais da educação, tendo em vista que através destes se definem questões de ordem como a inteligência emocional e as relações sócio emocionais nos aspectos de ensino e aprendizagem.

Vygotsky (1925) quando escreve “Psicologia da Arte”, apresenta rapidamente alguns conceitos de empatia e menciona brevemente algumas concepções que contribuíram para história e teorização da empatia no futuro. Vale considerar que naquela época o tratado de empatia estabelecido por Vygotsky ainda estava associado à estética da arte, da literatura e do teatro, apesar de hoje estar no campo da educação e do desenvolvimento de pessoas.

4. Metodologia

Visando a aprendizagem dos estudantes foi elaborada uma sequência de atividades enfocando o enriquecimento da competência linguística dos estudantes a partir do conhecimento das variedades linguísticas.

A primeira atividade realizada em sala de aula foi de sondagem, na qual cada estudante relatou qual era sua cidade de origem, e, conseguinte as características e curiosidades desta, de modo a realizar um levantamento do perfil geográfico-linguístico.

A segunda atividade teve, como objetivo, trabalhar a empatia do aluno com o próximo, visando levar os estudantes a compreenderem seus colegas. Para isso foi solicitado que cada estudante levasse à escola um objeto ou algo que lhe despertasse uma lembrança boa. Seguindo a proposta solicitada, os estudantes levaram fotos, roupas, bonecos, chaveiros, prêmios, óculos, etc. e a partir destes relataram o porquê de terem escolhido estes para a representação do que gostariam de falar. Tal experiência gerou comoção nos estudantes, pois emocionaram-se ao ouvir as his-

tórias dos colegas. Nota-se que a partir desta atividade ficou perceptível a mudança de comportamento dos estudantes, de modo que passaram a respeitar seus colegas e suas opiniões.

A terceira atividade foi realizada oralmente. Primeiramente, perguntamos aos estudantes quais palavras e significados que conheciam e que são diferentes da cidade de Alto Taquari-MT. Em seguida, cada estudante falou alguma palavra de sua região/cidade de origem e estas eram anotadas pela professora na lousa com seus respectivos significados, depois disso, os outros estudantes relatavam o significado que cada palavra tinha em sua região, formando assim um quadro variacional.

Após a verificação da variação linguística em sala de aula, os estudantes realizaram uma pesquisa para averiguar não somente a variação linguística na cidade, mas também a questão do preconceito linguístico, ou seja, como este ocorre e com quais falantes. Os estudantes fizeram a pesquisa com três falantes, sendo as perguntas base para a pesquisa:

- 1- De que cidade você é?
- 2- Você percebeu alguma diferença entre a linguagem de sua cidade e a linguagem de Alto Taquari?
- 3- Você já sofreu preconceito por falar diferente? O que houve?
- 4- Há algo que em sua cidade tenha nome diferente do que é usado em Alto Taquari? Cite exemplos.

A partir das respostas da pesquisa foi realizada uma roda de conversa. Nesta os estudantes relataram que nem todas as pessoas responderam suas perguntas, pois, ficavam constrangidas, outras bravas, no entanto, aquelas que responderam relataram que por serem de outra cidade e terem linguagem diferente sofreram preconceitos, já que as pessoas com quem conviviam diziam que não falavam “normal”. A partir deste ponto, foi trabalhada a noção dos conhecimentos e culturas diversas no país e na cidade de Alto Taquari, e que tal fato reflete na língua, assim, se na cidade há migrantes de vários estados do país, logo os falantes utilizaram a linguagem falada de sua região de origem.

Para a última etapa da sequência, a turma foi dividida em cinco grupos que representavam as regiões brasileiras, norte, sul, sudeste, centro-oeste e nordeste, e, a partir desta divisão os grupos fizeram pesquisas, referente às questões geográficas e culturais da região, e, mais especificamente sobre a diversidade linguística. Além da apresentação dos principais pontos da variação linguística na região estudada, os alunos levaram comidas típicas, apresentaram danças típicas e teatro enfocando a questão do preconceito linguístico e que como problema deve ser combatido.

5. Considerações finais

As ações realizadas em sala de aula tiveram resultados excelentes, neste caso, principalmente após a segunda atividade, pois durante a apresentação dos colegas, os estudantes puderam observar que como eles, os amigos também têm problemas, frustrações, alegrias e tristezas. Tal atividade foi de tamanha importância em sala de aula que os estudantes passaram a se dedicar mais, respeitar os colegas e professores, ou seja, uma melhora significativa tanto no comportamento quanto no interesse pela aprendizagem em si.

Isso demonstra que além da necessidade de se aprender propaganda socialmente, como um “mal necessário”, é possível apresentar ao estudante uma educação não vista como vilã, mas como algo que podem aprender e gostar, ou mesmo ter empatia, por saber que é algo que lhe fará bem.

O estudo do resultado das atividades efetivadas em sala demonstra a necessidade do professor, observar e criar estratégias para o ensino em sala de aula, não somente no aspecto aqui estudado, mas para outras capacidades e competências também, de modo a traçar projetos que visem partir do conhecimento de mundo do aluno, bem como dos aspectos afetivos com o objetivo de aproximar o estudante do meio educacional e apresentar uma educação transformadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, Miriam. *Cotidiano das escolas: entre violências*, Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005. p. 404
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: edições Loyola, 1999.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular – BNCC*, 2018.
- BROLEZZI, Antonio Carlos. Empatia na relação aluno / professor / conhecimento. Encontro: In: *Revista de Psicologia*, Instituto de Matemática

e Estatística – USP, Vol. 17, Nº. 27, Ano 2014.

CHARLOT, Bernard. *A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão*. Sociologias, Porto Alegre v. 4, n. 8, p. 432-443, 2002.

DEWAAL, F. *A era da empatia: lições da natureza para uma sociedade mais gentil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DEBARBIEUX, Éric. Violência nas escolas: divergências sobre palavras e um desafio político. In: DEBERBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine (Org.). *Violência nas escolas e políticas públicas*. Brasília-DF: Unesco, 2002. p. 57-87

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional – A Teoria Revolucionária que Redefine o que é Ser Inteligente*. Trad. de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

Howard Gardner e Thomas Hatch, Multiple Intelligences Go to School. In: *Education Researcher* 18, 8, 1989.

MINAYO, M. C. S. Social Violence from a Public Health Perspective. In: *Cad. Saúde Públ.* Rio de Janeiro, 10 (supplement 1): 07-18, 1994.

ROGERS, C. R.; ROSENBERG, R. L. *A pessoa como centro*. São Paulo: EPU, 1977.

VYGOTSKY, L. S. *Psicologia da arte*. (1925). Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZALUAR, A E LEAL, M. C. Violência Extra e Intra Muros. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.16, n. 45 p. 145-64. 2011.